

Língua, lexicografia e os SILogismos em *Kaingang - Português Dicionário Bilingüe*¹

Marcelo Pinho De Valhery Jolkesky

1. INTRODUÇÃO

A documentação do acervo lexical das línguas indígenas brasileiras é essencial para garantir sua perpetuação, pois é aí que se concentram os aspectos centrais da cultura de seus povos. Esse tipo de trabalho requer uma dedicação intensiva. O processo de análise, compilação e verificação de cada lexema, seu(s) significado(s), uso(s) e variações pode levar anos, ou até décadas. Lamentavelmente a maior parte dos dicionários produzidos nestas línguas foi realizado sem qualquer rigor científico, e destina-se principalmente para fins catequéticos. Sabe-se porém que, para a elaboração de bons dicionários, questões teóricas sobre a ciência do léxico precisam ser colocadas em pauta. Só recentemente o meio acadêmico no Brasil tem se preocupado em propor e desenvolver modelos consistentes em lexicografia voltados para línguas indígenas, como é o caso das lingüistas Dr^a. Helga Elisabeth Weiss com o Kayabí e da Dr^a. Poliana Maria Alves com o Tuparí.

O presente estudo traz uma revisão crítica de *Kaingang – Português Dicionário Bilingüe*, da lingüista Dr^a Ursula Wiesemann, também membro de entidades missionárias. Em §1.1 busco retomar alguns conceitos e propriedades fundamentais que relacionam a língua com a cultura dos povos. Em §1.2 examino algumas teorias sobre a constituição do léxico. Em §1.3, apresento os princípios para a elaboração de um dicionário em moldes científicos. Em §2 traço um histórico da produção lexicográfica de Wiesemann sobre a língua Kaingang. Em §3 apresento uma análise minuciosa da macro- e da microestrutura do referido dicionário, evidenciando alguns de seus problemas e em §4 exponho minhas considerações finais.

1.1. A LÍNGUA

A língua é inequivocamente uma característica humana. É o meio principal da comunicação entre os membros de uma comunidade que usa o mesmo código – um saber lingüístico comum. (WEISS, 1998:18). É pois o fundamento básico da cultura de um povo e serve como instrumento de coesão, identificação, expressividade criadora e comunicabilidade entre seus membros. Ela traduz o mundo e a realidade social de uma comunidade lingüística e revela suas crenças e costumes, enfim, sua cosmovisão, que lhe é própria (BIDERMAN, 1998b:93).

A sua transmissão requer uma capacidade de representá-la sob um sistema eficiente de comunicação – o fônico, que codifica cada signo em sons de correspondência virtual tautológica. É, assim, adquirida por intermédio da oralidade, estando claro que seu veículo natural não é a escrita, mas a fala (BIDERMAN, 1997:161-162). É formada por categorias associáveis e regras, seguindo modelos lógicos, pertinentes a cada grupo de mesma fala, que possibilitam uma exposição consciente de quaisquer informações. O grupo social disponibiliza o primeiro instrumental (os signos, seus sons, e as regras) ao indivíduo, enquanto que este predispõe do segundo, a fala. A língua é, assim, um fenômeno característico do ser humano tanto como indivíduo, quanto como organização social.

¹ Monografia apresentada em fevereiro de 2006 à Prof^a Dr^a Aparecida Negri Isquerdo, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a aprovação na disciplina Lexicologia e Lexicografia.

Mas ela não se resume a um mero sistema de categorização e comunicação. Cada comunidade lingüística utiliza um modelo herdado de seus antepassados, que classifica os referentes de seu universo cognoscível de uma maneira própria, em moldes arbitrários. Uma convenção cujos termos de organização e categorização são absolutamente coercivos, da qual o homem **absorve** sua cosmovisão e é dependente para se expressar e interagir com o mundo ao seu redor, e que involuntariamente “calibra” o pensamento (ALVES, 2004:97 apud BIDERMAN, 1998c:6). Assim, a comunicação lingüística e a atuação sócio-cultural tornam-se inequívoca e intrinsecamente interdependentes.

A teoria do relativismo lingüístico de Sapir/Whorf trata exatamente desta propriedade. Segundo esta teoria, a língua é “sobretudo um modelador de idéias, o programa e o guia para a atividade mental de um indivíduo” (ALVES, 2004:98 apud WHORF, 1958:5). Ela tem primordialmente uma função heurística, i.e., é a base formadora dos conceitos de realidade, subordinadores da comunidade que dela se utiliza, predeterminantes de qualquer interpretação (BIDERMAN, 1998b:93).

1.2. O LÉXICO

Segundo Lenneberg, o fenômeno de codificação do universo através de um sistema de signos e sua subsequente incorporação à fala é uma maneira de registrar as experiências humanas e seus conhecimentos do mundo, sob os “óculos sócio-culturais” de um dado grupo. À categorização dos signos que compõe o imaginário humano pressupõe-se a sua capacidade de discriminar traços distintivos dentre os referentes percebidos pelo seu aparato sensorial e cognitivo (apud BIDERMAN 1998b:88). Mas de que forma são codificados os dados sensoriais da experiência humana, seus conceitos e valores, num sistema como este?

Brown e Lenneberg propõem um conceito para a “codificabilidade” do léxico de uma língua, segundo o qual elementos são categorizados em palavras somente quando a comunidade vivencia corriqueiramente uma realidade na qual eles aparecem. Os indivíduos passam a memorizá-los e distingui-los com facilidade, o que os tornaria com alto grau de codificabilidade. O contrário ocorre quando o indivíduo precisa servir-se de um circunlóquio, de uma perífrase, para codificar lingüisticamente determinada experiência (apud BIDERMAN 1981:136).

Se observarmos exemplos tirados das mais diversas línguas, veríamos que o vocabulário é mesmo o domínio, por excelência, onde estão codificados os símbolos determinantes da cultura. (BIDERMAN, 1981:133). A língua paiute possui inúmeros vocábulos para designar detalhes minuciosos da realidade geofísica desértica em que vivem, que comprovam quão vital é a necessidade de associá-la à água por essa cultura. Nela existem vocábulos que correspondem, por exemplo, a: *chão arenoso, desfiladeiro com regos d’água, desfiladeiro sem água, encosta montanhosa que não recebe sol*, etc. A língua inuktitut, cujos falantes vivem no Ártico, possui *n* palavras para designar formas diferentes de neve, tais como: *neve que cai, neve ao vento, neve miúda, tempestade de neve, neve no chão, neve no chão compactada como gelo, neve lamacenta*, etc. É importante acentuar que para cada um desses conceitos existe um lexema próprio nessas línguas (apud BIDERMAN, 1998b:95-96).

A geração do léxico se processa, assim, através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência (BIDERMAN, 1998b:92). O acervo lexical de um idioma é, portanto, o resultado de um processo de categorização milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, resultante tanto da interação com o ambiente como com o meio cultural, criador de um molde lingüístico para suas comunidades falantes. Segundo Gregg, o léxico corresponderia à memória semântica desta comunidade (BIDERMAN, 1981:134-138).

O léxico é, assim, o inventário das unidades lexicais (lexemas) cristalizadas numa língua. Mas como definir um lexema? Existem linhas com abordagens variadas para defini-lo. Alguns lingüistas americanos, como Ullmann (1962), consideravam o lexema uma seqüência fonológica mínima dotada de significação própria, independentemente de sua função, e equivaleria ao conceito de morfema proposto por Bloomfield em 1935. Bloomfield entretanto já associara em 1933, num ensaio, a palavra à idéia de *lexia*, i.e., unidade mínima **independente**, composta por um ou mais morfemas (*lexia simples*), o que fez Martinet (1954) excluir do léxico os morfemas gramaticais (presos ou dependentes). Jackendoff (1975), com sua *teoria de entrada plena*, propunha, entretanto, a inclusão tanto dos morfemas quanto dos lexemas, pois acreditava que o léxico deveria ser visto como uma fábrica, que contém a matéria-prima (lexemas e morfemas), o produto acabado (palavras e locuções) e a maquinaria da língua (regras lexicais, morfológicas e semânticas). Pottier (1972) acrescenta à definição as *lexias complexas*, compostas por lexemas conjuntos (*lexias compostas*), sintagmas (lexias sintagmáticas) ou frases (*lexias contextuais*) dotados de significação própria ou diferenciada (apud WEISS, 1998:23-26).

Biderman, entretanto, adverte ao afirmar que lexias complexas podem ser confundidas com seqüências discursivas variáveis e seu grau de lexicalização pode ser avaliado aplicando-se os testes de substituição e de inserção. O primeiro se caracteriza pela experiência de substituir um dos elementos por equivalentes na língua. O segundo dá-se pela tentativa de adicionar algum termo entre seus elementos (BIDERMAN, 1984:31). A lexia complexa será identificada, então, quando seus componentes possuírem um grande índice de coesão interna e de codificabilidade, que contribuem para sua cristalização na língua. Outro fator que se deve considerar é o momento em que se consolida o processo de sua cristalização da lexia complexa, isto é, quando se gerou um novo item lexical da língua e em que termos isto ocorreu (ALVES, 2004:104). O lexema corresponderia assim a qualquer lexia simples ou complexa que represente um dado paradigma; e seu conjunto, compreenderia o léxico.

1.3. O DICIONÁRIO

Segundo Biderman, o dicionário constitui uma organização e descrição sistemática do léxico de uma língua, buscando registrar e definir os itens lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura de seus falantes. (BIDERMAN, 1998a:15). A obra lexicográfica requer portanto um saber sócio-cultural que, juntamente com o saber lingüístico, capacite sua compilação.

A base para a aplicação de regras e fundamentos teóricos de elaboração de obras lexicográficas é determinada pela sua natureza e pelo tipo de usuário que visa atingir, i.e. dependem do conteúdo e do seu propósito (ALVES, 2004:33).

A unidade básica para a produção de dicionários é o *verbete*, que consiste numa *entrada* seguida de informações que a explicam em diferentes níveis. Uma análise dos campos e dos componentes semânticos de cada *entrada* é imprescindível para descrevê-la com precisão. Todo *verbete* tem um formato típico: após a *entrada* na sua forma canônica ou *lema*, vem a indicação da categorização léxico-gramatical da mesma. Segue-se a *definição lexicográfica* da única ou das várias acepções de sentido, caso haja polissemia, cada qual acompanhada por paradigmas de uso ou abonações. A *definição lexicográfica* vem a ser uma paráfrase da *entrada*, ou um equivalente semântico. Biderman recomenda que a paráfrase deva ser redigida em linguagem “simples e escoreita”, o que garante a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece. Para tanto, a utilização de um vocabulário básico da língua-alvo na elaboração dos *verbetes* é bastante recomendada (BIDERMAN, 1984:31-32).

1.3.1. A MACROESTRUTURA

A *macroestrutura* corresponde ao conjunto de *entradas*, geralmente dispostas em ordem alfabética. Em relação a ela, deve-se ter em mente (i) quais as unidades básicas que servem como *entradas* (morfemas, lexemas, ambos, etc); (ii) a escolha das *entradas* que comporão o dicionário; (iii) a definição de suas formas canônicas; (iv) ordenação das *entradas*; (v) qual o tratamento dado à polissemia e à homonímia (WEISS, 1998:37). Para tanto, é extremamente importante uma fundamentação lexical teórica que forneça critérios para se definir a *entrada* (ALVES, 2004:112 apud BIDERMAN, 1998b).

1.3.2. A MICROESTRUTURA

A *microestrutura* trata da organização interna dos *verbetes*. É constituída pelo conjunto de informações que seguem cada *entrada*: (i) sua *definição lexicográfica*; (ii) o tratamento da polissemia; (iii) informações sobre fatores fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos, como por exemplo, indicação da regência, dos paradigmas de declinação ou conjugação, de formas irregulares, etc. Pode incluir também (iv) exemplificação com frases; (v) o tratamento de variações dialetais; (vi) sinonímia e antonímia; (vii) etimologia (WEISS, 1998:38).

2. A LÍNGUA KAINGANG E OS DICIONÁRIOS DE URSULA WIESEMANN

O Kaingang, língua pertencente à família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1986), é falado por aproximadamente 10.500 pessoas. Seu povo, de mesma autodenominação, conforma cerca de 25.800 indivíduos (Funasa, 2003), que vivem em 30 áreas reduzidas, distribuídas pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A primeira pré-edição da obra lexicográfica de Wiesemann surgiu em 1968 a partir de uma compilação de dados coletados desde 1958 em fichas individuais, quando a autora iniciou seus estudos do Kaingang sob os auspícios do Instituto Lingüístico de Verão (SIL). Não era, porém, o primeiro dicionário desta língua, pois Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana publicara, em 1920, uma extensa obra, intitulada *Diccionarios Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang* (Revista do Museu Paulista, vol. 12:1-372, São Paulo).

Foi enfim publicada pelo SIL em 1971 com o nome *Dicionário Kaingáng-Português e Português-Kaingáng*, mas compõe-se na realidade de uma lista vocabular com aproximadamente 2600 itens em cada seção, seguidos de tradução equivalente. Não há quaisquer indicações de categorias gramaticais nas *entradas*, nem frases ilustrativas. O apêndice contém algumas notas sobre a ortografia usada, a variação dialetal e certos aspectos da gramática. Segundo prefacia a própria autora, não se trata de uma revisão da obra de Val Florianiana, mas de “um esforço inteiramente independente”.

A segunda edição foi publicada em 1981 praticamente sem alterações. Mantém ainda algumas regras de ortografia antigas, que, porém, já haviam sido abolidas desde 1976, como o uso do hífen e da crase. Chama a atenção o fato da autora afirmar no prefácio que “a presente edição traz a ortografia usada hoje pelos Kaingáng”. Outra peculiaridade é que ainda não estava incluída a maioria dos nomes de plantas e animais da região. Em relação a isso a autora justifica: “(...) o dicionário objetiva ser usado, principalmente, pelos índios Kaingáng que estão aprendendo a língua portuguesa [sic]”.

Sua obra *Kaingang - Português Dicionário Bilingüe*², 1ª edição, foi publicada em 2002 pela Editora Evangélica Esperança e elaborada em parceria com a Missão do Cristianismo Decidido, o SIL, a Secretaria do Estado da Educação do Paraná, a Assessoria Especial de Assuntos Indígenas do Paraná e a FUNAI. A seguir será apresentada uma revisão desta publicação segundo critérios lexicográficos, evidenciando os problemas em sua macro- e microestrutura.

3. REVISÃO DA OBRA *KAINGANG - PORTUGUÊS DICIONÁRIO BILINGÜE*

3.1. MACROESTRUTURA

Apesar de sua diagramação nova, mais prática, com os *verbetes* alinhados em duas colunas, o dicionário é na realidade uma edição ampliada da obra de 1971. Tem 175 páginas e encerra as seguintes seções: (i) agradecimentos; (ii) índice; (iii) histórico, contendo informações da gênese e evolução lexicográfica nesta língua; (iv) notas sobre a ortografia; (v) dicionário Kaingang-português, contendo 4023 *entradas*; (vi) dicionário português-Kaingang, com 3142 *entradas*; (vii) apêndice.

O apêndice, por sua vez, consiste nas seguintes subseções: (i) alfabeto e regras de ortografia, que – excetuando as informações sobre pontuação – não explicam a ortografia, mas sim a pronúncia, alguns traços de variação dialetal e processos de aliteração fonológica; (ii) notas sobre os *verbetes*, onde curiosamente existe um esboço gramatical das classes de palavras, apresentando algumas de suas características semânticas, sintáticas e/ou morfológicas; (iii) notas sobre as frases, fornece indicações dos tipos de orações existentes na língua e outros dados sobre a sintaxe; (iv) um adendo, contendo as abreviaturas utilizadas.

3.2. MICROESTRUTURA

Os *verbetes* da primeira seção contêm, logo após a *entrada*, uma “designação gramatical” registrada em itálico. Segue-se a *definição lexicográfica*, que costuma ser uma tradução direta. Quando a *entrada* não apresenta correspondência em português a autora vale-se de traduções aproximadas. Por vezes, o equivalente é indicado por uma paráfrase. Em relação à *polissemia*, veja §3.3.5. Quase todos os *verbetes* estão exemplificados com pelo menos uma frase, seguida de uma tradução livre. Em alguns casos há indicações de alomorfes com propriedades gramaticais específicas (para uma avaliação mais detalhada veja §3.3.3.), mas não há indicação nem remissivas para variantes morfofonêmicas livres ou para formas irregulares. Não inclui variantes dialetais. Não há informações sobre neologismo, empréstimo, sinonímia ou etimologia.

Os *verbetes* da segunda seção apresentam apenas uma designação gramatical e seu equivalente em Kaingang. Em ambas as seções tudo o que está escrito em Kaingang aparece em negrito.

3.3. ANÁLISE PORMENORIZADA DAS MACRO- E MICROESTRUTURAS

3.3.1. DEFINIÇÃO DAS UNIDADES BÁSICAS QUE SERVEM DE *ENTRADAS*

O lexema foi considerado a unidade básica para as *entradas*, e comporta lexias simples e complexas.

² O título contém cinco cacografias, e evoca o xenismo. O correto seria *Kaingang – português, dicionário bilingüe*, ou ainda *Dicionário bilingüe Kaingang – português*.

3.3.1.1. LEXIAS SIMPLES

(i) com um morfema

- (1) **jóg** *sub.dep.* pai, quem cuida. **Inh jóg tóg, iso hapě nĩgtĩ.** Meu pai gosta de mim. (pág. 33)

(ii) com morfema reduplicado

- (2) **jóg'jóg** *sub.dep.* antepassados. **Ĕg jóg'jóg ag vỹ tỹ, Ĕg jo ke ag nỹtĩ.** Os nossos antepassados viveram antes de nós. (pág. 33)

- (3) **rỹnhrỹj** *sub.* areia. **Rỹnhrỹj vóg tũg nĩ, ã kaně kin kutěnh mũ** Não brinca na arreia, porque vai cair no seu olho (pág. 81)

(iii) com mais de um morfema

- (4) **fěgnu** *sub.* vespa. **Ũn sĩ tóg, fěgnu vóg ja nĩ. Kỹ tóg ti mǎg mũ.** A criança mecheu com a vespa e foi picada. (pág. 18)

3.3.1.2. LEXIAS COMPLEXAS

(i) composta (com mais de um lexema)

- (5) **křĩg japry** *sub.* Via Láctea. **Kysǎ tũ tĩ kỹ Ĕg tóg, křĩg japry ve há han tĩ.** Quando não tem lua a Via Láctea aparece bem. (pág. 52)

[**křĩg** *sub.* estrela. **japry** *sub.dep.* caminho de algo, de alguém.]

“caminho de estrelas”³

- (6) **nér kókré** *sub.* gambá. **Nér kókré vỹ, Ĕg měg tỹ garĩnh to vǎjig tĩ, kuty kǎ.** O gambá gosta de espreitar as nossas galinhas de noite. (pág. 65)

[**nér** *sub.dep.* nádegas, bunda. **kókré** *sub.dep.* fedendo de podre.]

“bunda podre”

(ii) sintagmática (com sintagma(s))

- (7) **rǎ pur ja tá** *cir.* poente, ocidente, oeste. **Paraguay vỹ, rǎ pur ja tá nĩ.** Paraguay fica no oeste. (pág. 77)

[**rǎ** *sub.* sol. **pur** *v.i.sg.* desaparecido, escondido. **ja** *nom.* feito. **tǎ** *ind.cir.* lá.]

³ a tradução literal das *entradas* exemplificadas será indicada entre aspas, quando convier.

“lá onde o sol desaparece”

- (8) **pirã kugmĩg tĩ** pescador. **Pirã kugmĩg tĩ ag vỹ, goj ki rãnrãj tĩgtĩ.** Os pescadores trabalham no rio. (pág. 74)
 [**pirã** *sub.* peixe. **kugmĩ** *v.tr.pl.* pegar. **tĩ** *ind.a.* tendo ido, habitualmente.]
 “(aquele) que pega peixes”

(iii) contextual (com uma frase):

- (9) **mĩg tỹ rã mãn** eclipse do sol. **Mĩg tỹ rã mãn kỹ tóg, kuty e tĩ.** Quando a onça pega o sol fica escuro. (pág. 61)
 [**mĩg** *sub.* onça pintada. **tỹ** *ind.erg.* **rã** *sub.* sol. **mãn** *v.tr.sg.* apanhar, pegar.]
 “a onça pegou o sol”

3.3.1.3. EXCEÇÕES E ALGUNS PROBLEMAS

Existem, entretanto, alguns morfemas servindo de *entrada*.

- (10) **-m nĩ** *ind.a.* faça em qualquer tempo **Vējēn tag ti kom nĩ, kejēn** Coma esta comida num dia destes *1: nĩ*. (pág. 59)
- (11) **-l** *ind.o.* mesmo, dúvida. **Ti ne tĩ mũ!** Ele está indo mesmo. (pág. 100)

Muitas *entradas* não correspondem a lexias complexas, pois a associação de seus componentes não provoca deformação semântica do conjunto.

- (12) **fa jato** *sub.dep.* canela da perna. **Bola ki ti fa jato vỹ rỹj.** Machucou a canela no futebol. (pág. 15)
 [**fa** *sub.dep.1.* perna. **jato** *sub.dep.* canela.]
- (13) **goj mág** *sub.* rio grande. **Ta kutē tũ nĩn kỹ goj mág vỹ, ggv mũ ha.** O rio grande está baixando porque não chove bastante. (pág. 21)
 [**goj** *sub.* água, rio. **mág** *sub.dep.* grande.]
- (14) **mrér pē** *v.i.* bem molhado. **Isỹ ijapỹ ve ja tá kãtĩg kỹ sóg, mrér pē han.** Ao voltar da roça eu me molhei todo. (pág. 62)
 [**mrér** *v.i.* molhado. **pē** *ind.m.* muito, o verdadeiro.]
- (15) **tỹ prũg** *v.s.* casar com mulher. **Inh kósĩn fi tỹ tóg, prũg ke mũ.** Ele vai casar com minha filha. (pág. 90)
 [**tỹ** *ind.cir.* com, por. **prũg** *v.i.* casar, viver com esposa.]

Algumas *entradas* são, na realidade, uma seqüência discursiva, pois, segundo o teste de substituição, pronomes e partículas podem ser ali modificados, como o próprio exemplo do *verbete* denuncia.

- (16) **jónjón tỹ ěg tỹvān to tãpry** rouquidão, vontade de comer carne. "Jónjón vỹ, isỹvān to tãpry mũ," he ěg tóg tĩ, ěg tỹ nén nĩ ko sór kỹ. Quando estamos com vontade de comer carne dizemos: "as lombrigas estão subindo na minha garganta". (pág. 34)
 "A lombriga subiu pela nossa garganta"

- (17) **kómēr hā prānh ke** *v.i.* deslizar com cuidado. **Ěg tỹ komēr hā prānh ke kỹ ěg, kānhmar kutē tũ nĩgtĩ.** Se deslizamos com cuidado não caímos tão facilmente. (pág. 49)
 [komēr hā *cir.* devagar, lento. prānh ke *v.i.* escorregar.]
 "escorregar devagar"

São muitas as *entradas* suspeitas, difíceis de serem encaradas como lexemas, dada sua extensão e constituição. É preciso apurar com rigor se tais termos estão realmente cristalizados na língua e se são usados corriqueiramente pelos falantes. Abaixo cito dois exemplos:

- (18) **ón kỹ ũn jykre pāno tó mũ** *v.i.* caluniar. **Ũ tỹ ón kỹ ģ jykre pāno tó mũ ra to krĩ kufy han tũg nĩ.** Não se preocupe quando alguém diz calúnias sobre você. (pág. 69)
 "mentindo, dizer que um outro tem maus costumes"

- (19) **ũ tỹ ěg tỹ Topē vĩ mranh han sór mũ** tentador. **Japo vỹ tỹ, ũ tỹ ěg tỹ Topē vĩ mranh han sór mũ nĩ.** O diabo é o nosso tentador. (pág. 91)
 "alguém querer fazer com que quebrems a palavra de Deus"

3.3.2. A ESCOLHA DAS *ENTRADAS*

As *entradas* consistem de palavras gramaticais e de palavras lexicais.

- (20) **prỹg** *sub. 1.* ano. **Prỹg tag kã kukryr tóg nĩ mé han mũ.** Neste ano geou muito cedo. (pág. 75)

- (21) **tóg** *ind.s.* agente. **Kỹ tóg tẽ mũ.** Então ele voou. (pág. 87)

É impressionante a profusão de *entradas* com referência ao cristianismo para um dicionário básico de língua indígena.

- (22) **ẽprā ke** *sub.* ser humano. **Topē vỹ, ẽprā ke ag to há nĩ.** Deus ama os seres humanos. (pág. 14)
 "que está embaixo, na terra"

- (23) **Jesus jamĩ** *sub.* Santa Ceia. **Ĕg tỹ Jesus jamĩ konh ke vē.** Vamos tomar a Santa Ceia. (pág. 30)
 “bolo de milho de Jesus”

- (24) **jóg tỹ kanhkã tá nĩ** Deus, Pai no céu. **Ĕg jóg tỹ kanhkã tá nĩ vỹ tỹ, Topě ti nĩ.** Nosso Pai no céu é Deus. (pág. 33)
 “o pai está no céu”

- (25) **krēm ěg jakrĩ tỹ krỹ' he** *v.i.* ajoelhar-se perante. **Topě hã krēm ěg tóg, ěg jakrĩ tỹ krỹ' henh ke mũ.** somente perante Deus nós ajoelhamos. (pág. 50)
 “jogar-se de joelhos sob”

- (26) **ón kỹ topě** *sub.* deus falso, ídolo. **Ón kỹ topě mỹ jãn tũg nĩ** Não cantam à deuses falsos (pág. 69)
 “Deus que mente”

- (27) **ti mỹ ti vĩ han mũ vỹ? he** *v.i.* duvidar da palavra. **"Topě mỹ ti vĩ han mũ vỹ?" he tũg nĩ.** Não duvide da palavra de Deus. (pág. 85)

- Topě ĩn** *sub.* templo. **Judeu ag vỹ, Topě ĩn krēm ti mỹ nén ũ kar pũn' he tĩ ja nĩgtĩ.** Os Judeus oferecerem todos os tipos de sacrifícios a Deus no templo..
- Topě jykre sĩnvĩ** *sub.* sagrado. **Topě jykre sĩnvĩ vỹ, jãhkri nĩ.** O sagrado é puro.
- Topě kãgrá** *sub.* ídolo. **Topě kãgrá han sór tũg nĩ.** Não faça ídolos.
- Topě Kuprĩg** *sub.* Espírito Santo. **Topě Kuprĩg vỹ, ěg krĩn tĩ.** O Espírito Santo nos dá sabedoria.
- Topě mré vĩ** *v.s.* orar. **Ā mỹ Topě mré vĩ tĩ?** Você fala com Deus?
- Topě mỹ jãn** *v.s.* cantar hinos. **Topě mỹ jãn kỹ ěg krĩ vỹ, kuprã' he tĩ.** Quando cantamos à Deus ficamos aliviados.
- Topě mỹ jãn jafã** *sub.* hinário. **Topě mỹ jãn jafã tãg ve ěg.** Temos um hinário novo.
- Topě mỹ nén ũ pũn** *v.s.* oferecer sacrifícios. **Judeu ag vỹ, Topě mỹ nén ũ pũn tĩ ja nĩgtĩ, ag mĕg, pũ ke gé.** Os Judeus oferecerem sacrifícios à Deus, animais e pão.
- (28-36) **Topě tỹ jĕnĕ jafã** *sub.* anjo. **Topě tỹ jĕnĕ jafã ag tóg, Jesus kej tá ũn tỹtã fag mỹ: "ki ti tũ nĩ, rĩr ti jĕ nĩ "** hé. Anjos apareceram no túmulo de Jesus e disseram às mulheres: "ele não está aqui, ele vive " (pág. 87)

“casa de Deus”, “sistema bonito de Deus”, “desenho de Deus”, “espírito de Deus”, “falar com Deus”, “cantar para Deus”, “coisa de cantar para Deus”, “queimar uma coisa para Deus”, “coisa enviada por Deus”.

Topē vī rá *sub.* Bíblia. **Topē vī rá to ěg tóg ke tĩ.**

Nós lemos a Bíblia, a Palavra de Deus Escrita.

Topē vỹ ki kanhró nĩ, he *v.i.* jurar. **Ón kỹ "Topē vỹ ki kanhró nĩ," he tũg nĩ.** Não faça juramento falso.

Topē vỹ tỹ ã nĩ, he *v.i.* adorar. **Jesus mỹ ěg tóg: "Topē vỹ tỹ ã nĩ," henh ke mũ.** Vamos adorar

(37-39)

Jesus.

(pág. 87)

“escrita da palavra de Deus”, “dizer que Deus sabe disso”, “dizer que Deus está contigo”

Perceba que são, sem exceção, perífrases de conceitos religiosos transculturais e, segundo o grau de codificabilidade proposto por Brown e Lenneberg (veja §1.2), estão inseridos no léxico sem qualquer critério científico, como tentativa de cristalizar na língua termos usados para a conversão dos falantes ao cristianismo.

Ademais, muitos termos da cultura material e espiritual dos Kaingang, assim como nomes de animais e plantas de seu *habitat*, e até termos de parentesco foram simplesmente omitidos sem qualquer justificativa. Alguns deles foram coligidos de outras fontes e estão aqui exemplificados.

- mitologia: **gojsá** (gigante violento que, segundo a mitologia Kaingang, teria destruído a primeira geração dos homens), **krĩjě’ŷnme** (serra de onde teriam surgido os Kaingang), **kurtũ** (índios da mata, que, na antigüidade, viviam nus), **pỹnfěr** (cobra voadora, que mora em cavernas e ataca as pessoas), etc.
- cultura espiritual: **gatěn** (espírito da terra), **kiki kron** (bebida sagrada, preparada com água, mel e outros ingredientes, tomada durante o *kiki*, o ritual dos mortos), **nũgme** (aldeia dos mortos, que estaria localizada no poente), **tãper** (dançarinos encarregados de impedir que os mortos bebessem *kiki kron* junto com os vivos), **tũm** (espírito das plantas e animais), etc.
- cultura material: **jér** (alça usada em cestos), **jěnky my** (tembetá), **ka mror** (borduna), **kãkarỹnfãn** (abanador de fogo), **kěj pě** (cesto para transportar objetos pesados), **na** (dardo), **no kuka kajěr** (flecha com ponta de osso de macaco, usada para caça ou para guerra), **no néj** (flecha com cerol), **no kanér** (flecha de ponta aguçada e sem serrilhado), **rá vėnig** (grafismo em forquilha), **rá vėnh kato vėnig** (grafismo em forquilha dupla), **rá kãpó** (grafismo em cruz), **rá jonjor** (grafismo em ziguezague), **rá jãgja** (grafismo misto), **rá régrég ja** (grafismo retangular), **ru** (esteira), **tipiti** (sacola para espremer mandioca), **vėnh kãgrá** (pintura corporal), etc.
- plantas: **ga fěj** (quebra-pedra, *Phyllanthus* sp., usada para problemas nos rins e na bexiga), **jãky kagta** (hortelã, *Mentha* sp., usado contra verminoses), **ka rug** (bracatinga, *Mimosa escabrella*), **ka sónh tãnh** (laranjeira-do-mato, *Scutia buxifolia*), **kafej kusũg** (jurubeba, *Solanum* sp., usada contra o amarelão), **kětapré** (tarumã, *Vitex megapotamica*, usado para lavar a criança, para crescer sadia), **kětỹnhu** (açoita-cavalo, *Luehea divaricata*, usada como fortificante), **kógtapré** (cipó-mata-pau, *Clusia rosca*, usada para causar infertilidade em mulheres), **krigmě** (alfavaca, *Ocimum* sp.), **má** (pessegueiro-bravo, *Prunus brasiliensis*), **mrãn** (carvalho, *Quercus* sp.), **mrūr tar** (cipó são-joão, *Pyrostegia* sp., usado na confecção de cestos), **mu** (imbu, *Phytolacca dioica*), **nér jór** (cerejeira,

Dimorphandra exaltada), **pa** (ipê-amarelo, *Tabebuia* sp.), **ũj** (guajuvira, *Patagonula americana*, cujas folhas são usadas como anorexígeno), **vi** (louro, *Cordia* sp.), etc.

- animais: **fënu** (coró de palmeira), **fērī** (canário-da-terra, *Sicalis* sp.), **gro** (traíra, *Hoplias malabaricus*), **jāfa kunyn** (tipo de besouro, ord. Coleoptera), **jógróg** (caracará, *Caracara plancus*), **jókynh nīgé** (piolho de cobra, classe *Diplopoda*), **kātā** (rã, fam. *Ranidae*), **kó'y** (jacutinga preta, *Pipile jacutinga*), **krág rēr** (porco-espinho, *Coendu* sp.), **krékré** (martim-pescador, *Ceryle* sp.), **mīg kógár** (onça pintada, *Panthera onca*), **mīg kusūg** (onça parda, *Felis concolor*); **né** (inhambu, *Tinamus* sp.), **nhónh** (sangue-de-boi, *Ramphocelus bresilius*), **pirājū** (dourado, *Salminus maxillosus*), **ririr** (bem-te-vi, *Pitangus* sp.), **ro ror** (abelha miri, *Plebeia* sp.), **sūkrīg no** (opilião, ord. *Opiliones*), **tānh gó kusūg** (tipo de taturana, fam. *Megalopygidae*), etc.
- termos de parentesco: **jóg régre** (tio paterno), **jójjóg** (avô paterno), **jójjỹ** (avó paterna), **jỹjóg** (avô materno), **jỹjỹ** (avó materna), **kósin kósin** (neto de filho), **kósin fi kósin** (neto de filha), **kósin kósin fi** (neta de filho), **kósin fi kósin fi** (neta de filha), etc.

3.3.3. A DEFINIÇÃO DAS FORMAS CANÔNICAS

Não existem critérios claros para a definição das formas canônicas das *entradas* na obra. Verificou-se que as *entradas* podem ser de qualquer ordem: morfemas, lexemas simples, lexemas complexos, expressões idiomáticas. Ao que parece, qualquer alteração fonológica, mesmo que previsível, uma reduplicação ou adição morfológica num radical é motivo para representá-lo como item independente, sem qualquer justificativa.

- ēmī** *sub.* pão de milho. **Sỹ ti nĩ to ěmĩ ko vē.** Estou comendo pão com carne. (pág. 14)
- jamĩ** *sub.dep.* bôlo de milho, pão. **Isĩ kã inh mỹnh fi jamĩ vỹ, kajã pẽ nĩgtĩ.** O bolo de milho que minha mãe fazia quando eu era pequeno, era muito azedo. (40) (pág. 27)
- gũ** *v.i.* desfarelar. **Kófa vỹ, ti kógũnh sur gũ kãn.** O velho terminou de desfarelar a erva do chimarrão defumada. *v3:* **gũg.**
- gũm gũm he** *v.i.* esmigalhar. **Kógũnh vỹ tóg, kỹ gũm gũm he e tĩ.** A erva de chimarrão esmigalha-se quando está seca.
- gũm ke** *v.i.* esmigalhar. **Gũm ke ti tĩ, ka féj tóg ti.** Folhas secas esmigalham-se. (41) (pág. 23)
- hur** *ind.o.* já. **Rãké tá ti hur vyr.** Ele já foi ontem.
- huri** *ind.o.* já. **Vyr ti huri, rãké tá.** Já foi, ontem. (42) (pág. 25)
- jakré** *sub.dep.* plantação, lavoura. **Prỹg tag kã inh jakré vỹ, mog há kutẽ mũ.** Neste ano minha plantação está se desenvolvendo bem. (pág. 27)

- (43) **kré** *sub.dep.2.* plantação. **Sỹ gār kré vỹ, tóg nỹ ha.**
O milho que plantei já está seco. (pág. 50)
- (44) **kóm ke** *v.i.* acender fogo, luz. **Pĩ vỹ kóm ke mũ.** O fogo acendeu.
kóm kóm ke *v.i.* relampejar, brilhar. **Ta hã vỹ, kóm kóm ke tĩ.** É a chuva que faz relâmpagos. (pág. 48)
- (45) **sóg** *ind.s.* eu sou agente. **Ã hã mỹ sóg tónh ke mũ.** Vou contar só para você. (pág. 82)
- (45) **tóg** *ind.s.* agente. **Kỹ tóg tẽ mũ.** Então ele voou. (pág. 87)

Entretanto, existem casos, onde seus alomorfes são indicados no mesmo *verbete*.

- (46) **e** *v.i.* fazer, causar. **É e tóg.** Vomitou. **Kỹ tóg é é.** Então vomitou. *v1:* é. (pág. 13)

Verbos e lexemas dependentes apresentam-se sem afixos pronominais. Entretanto, existem casos que fogem deste critério:

- (47) **tĩ mỹ tĩ vĩ han mũ vỹ? he** *v.i.* duvidar da palavra. **"Topẽ mỹ ti vĩ han mũ vỹ?" he tũg nĩ.** Não duvide da palavra de Deus. (pág. 85)
- [**tĩ** *pr.pes.* ele, dele, lhe, seu.]

- (48) **ũ tỹ ěg kato vãsãn mũ** inimigo. **"Ũ tỹ ã kato vãsãn mũ ra ti to há nĩm nĩ," he tóg, Jesus ti.** "Ama o seu inimigo," disse Jesus. (pág. 91)
- [**ěg** *pr.pes.* nos, nosso, nosso. **ũ** *pr.ind.* alguém.]

Em outros casos as formas marcadas por afixos e seus correspondentes não-marcados aparecem como *entradas* distintas:

- (49) **já** *v.i.sg.* picar. **Sonh pir tóg, inh pẽn ki já mũ.** Uma espinha entrou no meu pé. (pág. 28)
- (49) **ki já** *v.s.sg.* picar, espinhar. **Pỹn kuka tỹ ti pẽn ki já ja vẽ.** Um osso de cobra picou no pé dele. (pág. 46)
- [**ki** *ind.cir.* em, por dentro.]
- (50) **ijỹ** *sub.dep.* minha mãe, irmã da minha mãe. **Ijỹ fi vỹ, vãsỹ tũg.** Minha mãe morreu faz tempo. (pág. 25)
- (50) **nỹ** *sub.dep.* mãe, irmã da mãe. **Ti nỹ fi vẽ.** É a mãe (ou a tia) dele. (pág. 68)
- [**inh** *pr.pes.* eu, meu, de mim.]

- isỹ** *ind.erg.* eu. **Isỹ ã mỹ tónh ke vē.** Vou explicar para você (pág. 87)
- (51) **tỹ** *ind.erg.* Ti **tỹ ka tỹ ti tãnh vē.** Ele está o matando com um pau. (pág. 87)
- [**inh** *pr.pes.* eu, meu, de mim.]
- kagta** *sub.dep.* remédio. **Hỹn, prénhpéj kagta ti?** Aonde está o remédio contra disenteria? (pág. 37)
- (52) **věnh kagta** *sub.* remédio. **Ĕg kaga kỹ ěg, věnh kagta kron tĩ.** Quando estamos doentes tomamos remédio. (pág. 95)
- [**věnh** *pr.ind.* de alguém; *pr.ref.* de si mesmo.]
- kāpa** *v.i.pl.* sair. **Věnhrá tỹ tũ' hen kỹ ag tóg, kāpa tĩ.** Quando termina a aula eles saim para fora. (pág. 43)
- (53) **pa** *v.i.pl.* sair. **Ĕmã ěn tá pa kỹ ěg tóg, ti ĩn ra mũ mũ.** Saimos daquele lugar e fomos para a casa dele. (pág. 70)
- [**kā** *ind.cir.* dentro de.]

Quando há supletivismo ou reduplicação em número, o singular e o plural são lexicalizados em *verbetes* distintos.

- já** *v.i.sg.* picar. **Sonh pir tóg, inh pěn ki já mũ.** Uma espinha entrou no meu pé.
- (54) **jágjá** *v.i.pl.* picar. **Sónh vỹ, inh pěn ki jágjá pě han.** Muitos espinhos entraram no meu pé. (pág. 28)
- kajām** *v.tr.sg.* pagar, comprar. **Ā mỹ inh kur kajām ke tũ?** Você não quer comprar essa minha roupa? (pág. 38)
- (55) **kygjām** *v.tr.pl.* comprar, pagar. **Ā mỹ livro tag kygjām mũ?** Você vai pagar estes livros? (pág. 57)
- kugjej** *sub.dep.pl.* nervos, veias. **Ĕg tỹ ěg kujej fynh kỹ tóg, kyvėnh mág han tĩ.** Quando cortamos nossa veia sangra muito. (pág. 53)
- (56) **kujej** *sub.dep.sg.* nervo, veia. **Hěn ri ke mũn tóg, ti kujej ũ kym.** Talvez ele cortou um nervo. (pág. 54)

Em muitos casos, esse tipo de dualidade não ocorre.

- (57) **kanhró** *v.i.* saber. **Ā ki kanhró inh nĩ.** Eu conheço você. *v1:* kanhrã. (pág. 40)

(58) **mũm** *v.tr.* lascar, quebrar. **Kỹ ti nēji, pĩ jónhkó mũm kỹ mǎg mũ.** Dizem que ele então quebrou o toco aceso e o levou. (pág. 63)

(59) **tan** *v.i.* chover. **Vaj kỹ tóg, tan ke mũ.** Amanhã vai chover. (pág. 83)

Em alguns casos, ora são designados somente no singular, ora somente no plural.

(60) **fynfyn** *v.tr.pl.* ensementar, criar semente. **Ka kanē kar vỹ, fynfyn tĩ.** Todas as frutas tem sua semente. (pág. 19)

(61) **gãn** *v.i.sg.* carunchar, criar piolho. **Ti rǎgró tóg, gãn kãn.** O feijão dele carunchoou completamente. (pág. 20)

(62) **hóm ke** *v.i.sg.* afundar no fofo. **Hóm ke ti, inh ra, ga ti.** A terra fofa afundou onde eu estava indo. (pág. 25)

(63) **ki ón'ór** *v.s.pl.* pisar, afundar na lama. **Ĕg tỹ óré kãmĩ tĩg kỹ ĩg tóg, ki ón'ór tĩ.** Quando andamos no barro afundamos. (pág. 47)

Os alomorfes verbais também são representados de formas variadas:

(i) como unidades distintas:

fě *v.i.* posto em pé, dado em pé. **Ti tỹ inh mỹ ĩn fě vě.** Me deixou a sua casa.
fěg *v.tr.sg.* por em pé, dar em pé, dar animais vivos. **Inh mỹ tóg garĩnh fěg.** Ele me deu uma galinha viva. (pág. 18)

tĩ *ind.a.* tendo ido, habitualmente. **Věnh rán ti tĩ, kurā kar ki, inh kósin tĩ.** Meu filho vai todos os dias à escola.
tĩg *v.i.sg.* andar. **Ti hě tá tĩg?** Ele está andando por onde?
tĩn *v.tr.* fazer andar, passar por cima de. **Ĕg kósin tĩn ĩg tóg tĩ, ti tỹ tĩg mé han jé.** Nós fazemos nosso filho andar para ele aprender a andar rápido. (pág. 86)

(ii) dentro do mesmo *verbete*:

(66) **jětěn** *v.tr.sg.* bater e ferir, apertar. **Ā jāvy mỹ fág jětěn nĩ, jo ti ti nĩgé ki tãnh mũ** Martela o pinhão para seu irmãozinho, senão ele vai bater na sua mão *v1: jětě; v3: jětěg.* (pág. 33)

(iii) de diferentes formas:

- grĩ** *sub.dep.1.* rolo, enrolado. **Fi gãnh vỹ, grĩ nĩ.** Ela tem cabelo enrolado.
- grĩn** *v.tr.sg.* enrolar. **Inh kósin fi mỹ sóg: "ã kur grĩn kỹ nĩm han," hé.** Disse para minha filha: "guarde a sua roupa enrolada " *v1: grĩ; v3: grĩg.* (pág. 22)
- jěn** *v.i.* comer. **Mũ nỹ, jěn jé ha** Venham, vamos comer agora *v1: jě; v3: jěg.*
- jěn** *v.tr.* dar de comer. **Ti jěn inh.** Dei de comer para ele. (pág. 31)
- kavar** *v.i.sg.* livre, escapado, solto. **Věse ěn vỹ, kavar kỹ jě ha.** Aquele preso já está solto agora.
- kavãn** *v.tr.sg.* libertar, soltar. **Věse ěn kava ag huri.** Já soltaram aquele preso. *v1: kavã; v2: kava; v3: kavãg.* (pág. 40)

Segundo Wiesemann (2002:163), os alomorfes *v1*, *v2* e *v3* detêm funções gramaticais específicas, mas que não causam alterações de valência, devendo por isso, estar agrupados no mesmo *verbete*. Entretanto, os próprios exemplos dos *verbetes* contradizem esta afirmação.

Os compostos que mantêm uma forte afinidade semântica com um de seus componentes deveriam ser registrados como sub-entradas deste. Mas não é o que acontece.

- fág** *sub.* pinheiro, pinhão. **Fág há to ěg: fág vě, he tĩ. Kar kỹ ti fy vỹ tỹ, fág nĩ gé.** Tanto o pinheiro quanto o pinhão chamamos de Fág.
- fág fár** *sub.* casca do pinheiro. **Ag tỹ fág tỹ tapa han kỹ ag, ti fár vãvãm tĩ.** Quando fazem tábuas de pinheiro, eles jogam fora a casca.
- fág fy** *sub.* pinhão. **Fág fy jãkrunh kỹ ěg, nénh kỹ, kyfãn kỹ, tynyn kỹ ko tĩ.** Juntamos pinhão para cosinha-lo, descasca-lo, socá-lo para comer.
- fág junun** *sub.* extremidade do pinheiro. **Fág junun vỹ tóg, ti pěnó nĩ.** Na extremidade do pinheiro fica a copa.
- fág pě** *sub.* galho do pinheiro. **Ti ra fág pě vỹ mráj, ti tỹ kri jě ra.** O galho do pinheiro, sobre qual ele pisava, quebrou. (págs. 15-16)
- [**fár** *sub.dep.* casca, **fy** *sub.dep.1.* semente. **junun** *sub.dep.sg.* ponta. **pě** *sub.dep.* braço.]

3.3.4. A ORDENAÇÃO DAS ENTRADAS

As *entradas* estão organizadas em ordem alfabética, embora haja, por vezes, algum equívoco.

- hin ke** *v.i.* erguer-se, elevar-se. **Inh kóm hã tỹ hin kem nĩ** Pega o outro lado disso, assim como estou fazendo
- hinh** *sub.* tatu-de-mão-amarela. **Inh panh tóg inh mỹ: "hinh vỹ ko há pẽ han tĩgtĩ," he tĩ.** Meu pai me explicou que o tatu-de-mão-amarela é muito bom de comer.
- hinhin he jafã** *sub.* balanço. **Gĩr ag vỹ, jagnẽ mré hin hin he jafã ki kanhinhir nỹtĩ.** As crianças brincam juntas de balanço (no mesmo balanço).
- (75) (pág. 24)

A estrutura silábica do primeiro segmento em **hinhin he jafã** foi considerada **hinh.in**, mas é, contudo, **hin.hin**. O lexema deveria portando seguir **hin ke**.

Um exemplo na seção português-Kaingang explicita o problema ainda melhor.

- perdoar *v.i.* **vẽnh pãte fón;**
v.s. **tỹ há' he.**
- periquito *sub.* **kajónh;**
sub. **kãto.**
- (76) perereca *sub.* **korar.** (pág. 137)

3.3.5. O TRATAMENTO DADO À POLISSEMIA E À HOMONÍMIA

A análise de seqüências fonologicamente idênticas de uma língua podem ou não revelar um caráter polissêmico e/ou homonímico. Palavras polissêmicas derivam de um mesmo étimo, porém apresentam mais de um significado, com traços semânticos comuns. Palavras homônimas são consequência tanto da convergência fonológica de palavras com étimos distintos quanto da evolução sêmica de um étimo para campos muito distintos.

Homônimos são lexemas distintos e devem ser tratados cada qual num *verbete*, distinguidos por numeração. Todas as acepções de palavras polissêmicas devem ser tratadas num único *verbete*. Segundo Biderman (1984:36), a gradação das acepções num *verbete* deve ser assim estabelecida: (i) em primeiro, o sentido geral, ou de uso mais freqüente; (ii) depois, seguem os sentidos mais específicos, (iii) os sentidos figurados e (iv) por último, os obsoletos.

Alves sugere que, quando pertencentes a classes gramaticais diferentes, as fechadas (prefixos, sufixos, preposições, posposições, conjunções, auxiliares, demonstrativos, pronomes, interrogativos, advérbios) devem preceder as abertas (substantivos, adjetivos, verbos), na ordem indicada (ALVES, 2004:126).

A ausência de estudos diacrônicos e comparativos sistemáticos de línguas como o Kaingang impedem porém, em muitos casos, a caracterização exata de seus étimos. Nestes casos, o tratamento dado deve ser o seguinte: (i) separação em *verbetes* quando os sentidos forem totalmente distintos; (ii) separação em sub-*entradas* quando as acepções forem semanticamente relacionadas.

(i) palavras polissêmicas

- régre** *sub.dep.1.* dois, segundo. **Inh krě vỹ régre nỹtĩ.**
Tenho dois filhos.
— *sub.dep.2.* companheiro, irmão, pessoa da mesma metade tribal. **Inh régre vỹ inh mré vyr.** Meu irmão foi comigo.
— *sub.dep.3.* amigo. **Inh régre fi vě.** Ela é minha amiga (cresceu junto comigo). (pág. 78)

(ii) palavras homônimas

- grun** *sub.* jaguatirica. **Grun vỹ, inh měg garĩnh ko' he mũ.** A jaguatirica está comendo as minhas galinhas.
grun *v.tr.* aumentar-se, multiplicar-se. **Věnh grun ěg tóg.** Aumentamos. (pág. 22)

(iii) palavras de caráter polissêmico e homonímico

- fi** *pr.pes.* ela, dela. **Fi kósin vě.** É o filho dela.
— *pr.dem. a.* **Ti mre ke fi vě.** É a irmã dele.
fi *v.tr.sg.* deitar, colocar deitado. **Něně ti fi rỹ!**
Deita o nenê! *v3: fig.* (pág. 18)

Entretanto, o dicionário não mantém de forma sistemática esse tipo de tratamento. Encontram-se muitos exemplos onde:

(i) as acepções polissêmicas não estão organizadas em sub-*entradas*

- juja** *sub.dep.* tala fina, folha comprida, dedo, lasca. **Vãn juja vỹ, ti pěn ki já.** Uma lasca de taquara entrou no pé dele. (pág. 34)

- kaně** *sub.dep.* olho, fruta. **Ka kaně e ũ ko tũ ěg nỹgtĩ.** Existem muitas frutas que nós não comemos. **Nén ũ mru tỹ ěg krě kaně ki kutě kỹ ěg tóg, věsỹmér ti mỹ ki hu he tĩ.** Quando um cisco cai no olho dos nossos filhos, nós logo assoprámos para tira-lo. (pág. 38)

- kufy** *sub.dep.* peso, gravidez. **Ti prũ fi vỹ vāhā, kufy nĩ.** Enfim a esposa dele está grávida. (pág. 53)

- mỹg** *sub.* abelha, mel. **Mỹg tag vỹ, jũ mě nĩ.** Este tipo de abelha embrabece facilmente. (pág. 63)

(ii) as acepções polissêmicas estão em *verbetes* distintos

- (84) **jykre** *sub.dep.1.* sistema, costume, pensamento. **Jykre vënhmỹ ã nĩ.** Você tem um costume ruim.
jykre *sub.dep.2.* lei. **Topẽ jykre vỹ há nĩ.** A lei de Deus é boa. (pág. 35)
- sa** *ind.a.* pendurado. **Ëg vég ti sa, rã ti.** O sol está nos olhando do ceu, pendurado.
sa *v.i.* pendurado.
sa *v.tr.* pendurar, pregar. **Ëg nunh to ëg tóg jãnka sãg tĩ.** Penduramos colares no nosso pescoço. *v1:* sã; *v3:* sãg. (pág. 81)

(iii) palavras homônimas são tratadas no mesmo *verbeta*

- (86) **jógo** *sub.dep.* brotos novos, teia de aranha. **Sukrĩg vỹ, jógo han tĩ.** Aranha faz teia. (pág. 33)
- (87) **ko** *v.tr.* comer, usar. **Gãr ko ëg tĩ.** Comemos milho. *v1:* kó. (pág. 47)
- (88) **kyfe** *sub.* cerveja: de milho, café doce. **Kejën inh mré nĩ fi tóg inh mỹ kyfe han tĩ.** As vezes minha esposa me faz cerveja: indígena de milho. (pág. 57)
- (89) **ra** *ind.cir.* para, na direção de, apesar de. **Ã tỹ hẽ ra tĩg nẽ?** Você está indo para onde? (pág. 76)

Em 88 a existência de dois étimos é evidente: um, próprio da língua Kaingang, corresponde a uma bebida tradicional dos Kaingang, produzida pela fermentação de um preparado de milho; o outro, é um empréstimo do português, e corresponde à planta (*Coffea arabica*) ou à bebida preparada pela decocção de suas sementes. Em 89 um étimo é uma posição direcional, o outro é uma conjunção subordinativa concessiva.

Uma versão eletrônica do dicionário, publicada na página do SIL, apresenta muitos outros casos de polissemia em *verbetes* distintos, antes corretamente tratados como sub-*entradas*.

- ag** *pr.pes.* eles, deles. **Ag mỹ tóg, e tĩ.** Ficaram surpresos.
— *pr.dem.* os. **Ti mré ke ag vẽ.** São os seus companheiros. (pág. 13, versão impressa)
- ag** *pr.pes.* eles, deles. **Ag mỹ tóg, e tĩ.** Ficaram surpresos.
ag *pr.dem.* os. **Ti mré ke ag vẽ.** São os seus companheiros. (pág. 9, versão eletrônica)

- tēja** *sub.1.* rede. **Tēja han ěg tóg tĩ, ěg kósin sĩ jo.**
Fazemos uma rede para o nosso bebê.
— *sub.2.* balanço. **Gĩr vỹ, tēja kri tĕgtĕ mĕ nỹtĩ.** As
crianças gostam de balançar no balanço. (pág. 85, versão impressa)
- tēja** *sub.1.* rede. **Tēja han ěg tóg tĩ, ěg kósin sĩ jo.**
Fazemos uma rede para o nosso bebê.
- tēja** *sub.2.* balanço. **Gĩr vỹ, tēja kri tĕgtĕ mĕ nỹtĩ.**
As crianças gostam de balançar no balanço. (91) (pág. 83, versão eletrônica)

Existem casos ainda, onde o plural de dois *verbetes* homônimos é indicado num só *verbeta*.

- han** *v.i.sg.* sarar, melhorar. **Kaga inh nỹ ja nĩ, hãra sóg, han mãn huri.** Fiquei doente mas ja sarei.
- han** *v.tr.sg.* fazer. **Inh rãnrãj han inh huri.** Já fiz o meu trabalho. (pág. 23)
- hyn han** *v.tr.pl.* fazer, sarar. **Vãhã inh vĕnh ki mĕ ja vỹ, hyn han mãn ha.** Enfim minhas machucaduras estão sarando. (92) (pág. 25)

3.3.6. GRAMÁTICA E ORTOGRAFIA DO PORTUGUÊS

É evidente a falta de revisão gramatical e ortográfica da obra. São inúmeros os erros. A grafia ou a tradução correta dos termos está entre aspas.

- ĕpry kafy** *sub.* beco, fora do caminho. **Ĕpry kafy tóg rã, kamĩjũ ti, ĕpry fyr ra.** O caminhão entrou para fora da pista. (93) (pág. 15)
“O caminhão foi para fora da pista”
- fág kópu** *sub.* pinhão falso. **Fág krĩ ki ti kópu vỹ, ti fy mré nỹtĩgtĩ.** Na pinha do pinheiro acham-se pinhões falsas. (94) (pág. 16)
“Na pinha do pinheiro acham-se pinhões falsos”
- fenhfej** *sub.dep.pl.* flores. **Ā tỹ ti fenhfej ve kỹ tóg, ã mỹ e tĩ, ha vem nĩ.** Vendo aquelas muitas flores você vai ficar admirado.
— *v.i.pl.* florescer. **Ka ũ vỹ fenhfej tĩ, kỹ tóg, sĩnvĩ pĕ nĩ.** Tem árvores cobertas de flores, são muito bonitas. (95) (pág. 17)
“Tem árvores cobertas de flores, são muito bonitas”
- fuva** *sub.* couve do mato. **Fuva vỹ tỹ, nĕn ũ nĩ ko ri ke nĩ.** O couve do mato é car^{no}so. (96) (pág. 19)
“A couve do mato é carnosa”

- (97) **ga rá gynh ja** chapada, terra rocha, planalto. **Inh jamã tá tóg, ga rá gynh ja nĩ.** Onde moro tem um planalto. (pág. 19)
 “terra roxa”
- (98) **gónh** *v.tr.* dar água, molhar. **Ti tỹ ti jagnej ki gónh vẽ.** Ele da água na panela sobre o fogo. (pág. 21)
 “Ele coloca água na panela”
- (99) **gyv** *sub.dep.* rio baixo. **Goj gyv kỹ pirã vỹ tóg e tĩ.** Tem muitos peiches quando o rio está baixo. (pág. 19, versão eletrônica)
 “peixes”
- (100) **hã ve** *v.tr.* aparecer como. **Tỹ tóg, inh panh hã ve nĩ.** Ele é aparecido com o meu pai. (pág. 24)
 “parecer com” “parecido”
- (101) **jug jug he** *v.i.pl.* chutar, espernear. **Ũn kron mũ vỹ, ag ki jug jug he mũ, ag tỹ ti kãgmĩ sór kỹ.** O bêbado esperneou-os quando quizeram prender ele. (pág. 34)
 “quiseram”
- (102) **kajónh** *sub.* periquito. **Kajónh tóg, gãr ko tĩ, inh pajó tá.** O periquito “kajónh” come milho no meu paiol. (pág. 34, versão eletrônica)
 “periquito”
- (103) **kugnāj** *sub.dep.pl.* apodrecido. **Nén kugnāj vāvãm ěg tóg tĩ.** Jogamos fora o que é apodrecido. (pág. 54)
 “Jogamos fora o que ficou podre”
- (104) **ky** *sub.dep.* mau cheiro, fedor. **Nén ũ tỹ ěpry kri ter ja ki tóg, ky tĩgtĩ, ta kutě kỹ.** Quando algo morre no caminho, começa à feder quando chove. (pág. 57, versão impressa)
- (105) **ky** *sub.dep.* mau cheiro, fedor. **Nén ũ tỹ ěpry kri ter ja ki tóg, ky tĩgtĩ, ta kutě kỹ.** Quando algo morre no caminho, começa feder quando chove. (pág. 54, versão eletrônica)
 “Quando chove, algo que morreu no caminho começa a feder”
- (106) **kygněgně** *v.i.pl.* errar. **Vāsỹ ěg tóg, kygněgně mẽ ja nỹtĩ.** Antigamente nós errávamos muito. *v3:* **kygněgněg.** (pág. 57)
 “Antigamente nós errávamos muito”

- (107) **kygtāgtāg** *v.tr.pl.* curar, dar remédio. **Vēnh kygtāgtāg ēg mūgtī. Hā kŷ ēg ne, ā ve vānh han mū.** Está vamos em tratamento. Por isso faz tempo que não te vimos. (pág. 58)
“Estávamos”
- (108) **kynkyr** *sub.dep.pl.* ruídos. **Sēsī ū vŷ, kynkyr jafā kurā nīm tī.** Alguns passarinhos tem época de cantar cedo de manhã. (pág. 58)
“de manhã cedo”
- (109) **nūr sér** *sub.dep.* dormir sono profundo, dormir tarde. **Nūr sér han inh, hā kŷ sóg, kātīg vānh han.** Dormi demais, por isso atrasei. (pág. 68)
“atrasei”
- (110) **-nh** *ind.fut.* intenção. **Ti tŷ nén ū péju-nh tīg ke vē.** Ele está indo para roubar alguma coisa. (pág. 69)
“intenção”

3.3.7. A CATEGORIZAÇÃO GRAMATICAL

A autora definiu no apêndice da obra as classes gramaticais da língua valendo-se de critérios tagmêmicos distribucionais, não convencionais dentro da lexicografia. Adotou a seguinte nomenclatura para identificá-las nos *verbetes*: conjunção (*conj.*), indicador de aspecto (*ind.a.*), indicador de circunstância (*ind.cir.*), indicador de modo (*ind.m.*), indicador de opinião (*ind.o.*), indicador de sujeito (*ind.s.*), interjeição (*intj.*), pronome pessoal (*pr.pes.*), pronome reflexivo (*pr.ref.*), pronome demonstrativo (*pr.dem.*), pronome interrogativo (*pr.int.*), pronome relativo (*pr.rel.*), pronome indefinido (*pr.ind.*), singular (*sg.*), plural (*pl.*), substantivador (*subr.*), substantivo livre (*sub.*), substantivo dependente (*sub.dep.*), verbo intransitivo (*v.i.*), verbo semitransitivo (*v.s.*), verbo transitivo (*v.tr.*) e vocativo (*voc.*).

A classificação não abrange de forma eficiente todas as categorias gramaticais da língua. Sua aplicação evidencia, pois, inúmeros problemas com:

3.3.7.1. INDICADORES DE MODO E DE OPINIÃO

As partículas devem ser assim identificadas, quando revelam no enunciado a psique do falante em relação a algo ou a um evento.

- (111) **hŷn** *ind.o.* de certo, provavelmente. **Ti hŷn hur vyr, he sóg.** Eu acho que ele já foi, é bem provavel. (pág. 25)
- (112) **nēji** *ind.o.* disse que, parece que. **Ā ve ti nēji.** Parece que ele te viu. (pág. 65)
- (113) **sór** *ind.m.* querer fazer, poder fazer. **Rán sór inh mū.** Quero escerver. (pág. 82)

- (114) **tũ** *ind.m.* não, terminado, sem, inexistente. **Ti vég tũ sóg nĩ.** Não o vejo. (pág. 89)

A partícula **mẽ**, um intensificador de ação verbal (116) pode, em certos casos (117), adquirir um grau de volitividade.

- (115) **mẽ** *ind.m.* muito, ligeiro. (pág. 60)

(116) **Ti kósin rên mẽ ti nĩ.**

| | | | |
|------------------------------------|-----------|----------|-----------|
| Ti-kósin | rên-mẽ | ti | nĩ. |
| 3SG ⁴ (POSS)-filho(ACC) | bater-INT | 3SG(NOM) | PROG |
| “Ele bate muito no filho” | | | (pág. 79) |

(117) **Gĩr tóg, tânh kanẽ ko mẽ nỹtĩgĩ.**

| | | | |
|--|---------------------|-----------|-------------|
| Gĩr-tóg | tânh-kanẽ | ko-mẽ | nỹtĩgĩ |
| Criança-TOP(NOM) | palmeira-fruta(ACC) | comer-INT | COP.PROG.PL |
| “As crianças comem muitos coquinhos” ou “As crianças gostam de comer coquinhos” | | | (pág. 84) |

A partícula **e** pode ser, entretanto, um pronome indefinido (119), um intensificador qualitativo (120) ou existencial (121), e não de atitude. Portanto, não pode ser categorizada como indicador de modo. Apenas com complemento pospositivo adquire significado metafórico, como a própria autora indica em *verbete* separado (122), aí categorizado como verbo semitransitivo).

- (118) **e** *ind.m.* muito. (pág. 13)

(119) **Fóg tóg, ka jẽnjo tỹ nén e han tĩ.**

| | | | | |
|---|---------------------|------------------|-----------|------|
| Fóg-tóg | ka-jẽnjo-tỹ | nén-e | han | tĩ |
| Não_índio-TOP(NOM) | árvore-resina-INSTR | coisa-muito(ACC) | fazer | PROG |
| O não índio faz muita coisa com a resina das árvores. | | | (pág. 32) | |

(120) **Ũn riko vỹ, kur kaja e tu tĩ.**

| | | | |
|----------------------------|------------------------|--------|-----------|
| Ũn-riko-vỹ | kur-kaja-e | tu | tĩ |
| Qualquer-rico-TOP(NOM) | roupa-preço-muito(ACC) | vestir | PROG |
| Os ricos usam roupas caras | | | (pág. 38) |

(121) **Fóg vỹ e nĩgĩ.**

| | | | |
|----------------------------|-------|----------|-----------|
| Fóg-vỹ | e | nĩgĩ. | |
| Não_índio-TOP(NOM) | muito | COP.PROG | |
| Existem muitos não índios. | | | (pág. 13) |

- (122) **mỹ e** *v.s.* gostar de, não gostar de. **Kusa tóg tĩ. Kỹ tóg, inh mẽ e tĩ.** Está frio. Não gosto do frio. (pág. 63)

⁴ SG (singular); POSS (possessivo); INT (intensificador); NOM (nominativo); PROG (progressivo); TOP (tópico); ACC (acusativo); COP (cópula); PL (plural).

A partícula **ra**, que marca o modo imperativo, está erroneamente classificada como indicador de aspecto.

(123) **ra** *ind.a.* faça já **Ko kǎn ra** Coma tudo (pág. 76)

3.3.7.2. INDICADORES DE ASPECTO E DE TEMPO

O aspecto qualifica a constituição e integridade de um evento.

(124) **tī** *ind.a.* tendo ido, habitualmente. **Vēnh rán ti tī, kurā kar ki, inh kósin tī.** Meu filho vai todos os dias à escola. (pág. 86)

A posposição **ja** é um indicador de aspecto perfectivo, e **mǎn** de aspecto iterativo. Nenhum dos dois determina modo.

(125) **ja** *ind.m.* terminado. **Īn ja vē.** Era uma casa. (pág. 26)

(126) **mǎn** *ind.m.* de novo, outra vez. **Tó mǎn ra** Repita outra vez (pág. 60)

A categoria tempo relaciona temporalmente um evento ao momento da enunciação. As partículas **ke** e **rén** envolvem circunstâncias temporais. Não podem ser classificadas nem como verbos, nem como indicadores de modo.

(127) **ke** *v.i.1.* futuro. **Ti tīg ke vē.** Ele vai ir. (pág. 44)

(128) **rén** *ind.m.* último. **Inh kósin rén vē.** É meu último filho (caçula). (pág. 78)

3.3.7.3. VERBOS TRANSITIVOS

São verbos bi- ou multivalentes, i.e., requerem a presença de ao menos um complemento no sintagma verbal. Vários verbos transitivos estão equivocadamente classificados como intransitivos.

(129) **kanhró** *v.i.* saber. **Ā ki kanhró inh nī.** Eu conheço você. *v1:* **kanhrā.** (pág. 40)

(130) **ki nī** *v.i.* disparar. **Inh ki tóg nī, mókā ti, no ti.** A espingarda disparou em mim. (pág. 47)

(131) **krēgfa** *v.i.* desmatar. **Ka kanēn tī hǎ krēgfāg ēg tī.** Desmatamos somente as árvores frutíferas. *v1:* **krēgfā;** *v3:* **krēgfāg.** (pág. 50)

- (132) **krỹg** *v.i.sg.* alcançar, chegar ao fim. **Kurã ũ ki sóg, ã tá krãg mũ.** Um dia vou alcançar você. (pág. 53)
- (133) **kyvãn** *v.i.* cegar. **Ti kaga vỹ ti kyvãn.** A doença o cegou. (pág. 59)
- (134) **nĩju** *v.i.* indicar. **Inh mỹ ti ki nĩju** Indique ele para mim *v3: nĩjug.* (pág. 66)
- (135) **pafa kamẽg** *v.i.* desmamar. **Ti pafa kamẽg fi mũ, ti mỹnh fi.** A mãe dele o está desmamando. (pág. 70)
- (136) **pére kãtĩg** *v.i.sg.* trazer. **Vaj kỹ inh mỹ ti pére kãtĩg nĩ** Traga o para mim amanhã (pág. 72)
- (137) **pére tĩg** *v.i.sg.* levar. **Ha ti pére tĩg, ti ãn ra** Leve-o para à casa dele (pág. 72)

3.3.7.4. VERBOS INTRANSITIVOS

São verbos monovalentes, i.e., não requerem complemento no sintagma verbal. Na obra existem alguns classificados equivocadamente como transitivos.

- (138) **jaran ke** *v.tr.sg.* rasgar. **Inh kur vỹ jaran ké.** Minha roupa rasgou. (pág. 28)
- (139) **jym ke** *v.tr.* arrastar. **Pỹn tóg, jym ke kãtĩ nĩ.** A cobra vem se arrastando. (pág. 36)
- (140) **ránhráj** *v.tr.pl.* desfazer-se. **Kejẽn krĩ tóg, ránhráj tĩ, ta fãn kỹ.** As vezes um morro se desfaz quando chove muito. (pág. 77)

3.3.7.5. SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Substantivos são o(s) núcleo(s) de um sintagma nominal e denominam seres, coisas ou fenômenos. Os adjetivos são modificadores que especificam qualitativamente o significado do(s) substantivo(s). Pela classificação de Wiesemann, os adjetivos são considerados substantivos dependentes (sub.dep.).

- (141) **jagy** *sub.dep.* difícil. **Vẽnh rá vỹ, ti krĩ há nĩn kỹ, jagy tũ tĩnh mũ.** Escrever não é difícil para quem é inteligente. (pág. 27)
- (142) **mág** *sub.dep.* grande. **Ti kyrũ kã tóg, ěpỹ mág han tĩ nĩgtĩ vẽ.** Quando ele era moço fazia roça grande. (pág. 59)

Muitos estão, porém, classificados equivocadamente como verbos intransitivos ou verbos transitivos, possivelmente por serem resultantes de um processo de deverbalização.

(143) **jar** *v.i.sg.* rasgado. **Ā kur m̃y jar tũ ñ?** Será que sua roupa não está rasgada? (pág. 28)

(144) **jěgry** *v.i.* repugnante, nojento. **Is̃y kaga jagy han kar k̃y tóg, s̃y vējēn jěgry t̃i he m̃.** Depois de uma doença muito séria qualquer comida me dá nojo. (pág. 31)

(145) **jũ** *v.i.sg.* brabo, valente, zangado. **Kanhgág ěn tóg, kron k̃y jũ mē ñ, ti prũ fi to.** Aquele Índio fica brabo com a esposa quando bebe. (pág. 35)

(146) **ko há** *v.tr.* digestível, saboroso. **Ko há ti ñ, gār tánh ti.** Milho verde é muito saboroso. (pág. 47)

Alguns *lexemas* são classificados como substantivos dependentes, mas contrariamente são usados também como substantivos livres.

kófa *sub.dep.* velho. **Ūn si ṽy kófa ñỹt̃i.** Os antigos são velhos. (pág. 47)

(147) **gũ** *v.i.* desfarelar. **Kófa ṽy, ti kógũnh sur gũ k̃n.** O velho terminou de desfarelar a erva do chimarrão defumada. *v.3:* **gũg.** (pág. 23)

jānkā *sub.dep.* porta. **Ti t̃y ti jānkā han m̃n' he vē.** Ele está consertando a porta. (pág. 29)

(148) **ñfēnh** *v.tr.sg.* fechar. **Jānka ñfēnh ra** Feche a porta (pág. 65)

Outros aparecem como substantivos livres, mas são claramente adjetivos.

(149) **sunh** *sub.* (água do rio) suja, barrenta. **Goj sunh kron tũg ñ.** Não beba água barrenta. (pág. 83)

[**goj** *sub.* água, rio.]

3.3.7.6. PRONOMES

Alguns pronomes estão classificados de forma incorreta. **Kar**, um pronome indefinido, foi considerado um substantivo. O pronome interrogativo **nē** é tratado como um indicador de aspecto. **Ūn**, classificado como pronome relativo, nada mais é do que um alomorfe de **ũ**, um pronome indefinido.

(150) **kar** *sub.sg.* todos. **Ēg kar ṽy, m̃nh m̃.** Todos nós iremos. (pág. 40)

(151) **ně** *ind.a.* será que? **Ā t̄y hē ri ke ně?** O que você está fazendo? (pág. 65)

(152) **ũn** *pr.rel.* alguém. **Ūn jagtar ag jagāgtān nī**
Tenha misericórdia dos que sofrem (pág. 91)
[**ũ** *pr.ind.* alguém.]

3.3.7.7. AUSÊNCIA DE CATEGORIZAÇÃO GRAMATICAL

Existem ainda vários *verbetes* sem qualquer indicação de categoria gramatical.

(153) **nēri** completamente. **Ki ag nēri n̄tī, ki ag n̄tī kar nī.** Estão todos aqui. (pág. 65)

(154) **no jur̄yr** ponta da flecha. **No jur̄yr han jé ěg tóg, nén ũ kuka jur̄yn k̄y kri fēg tī.** Para fazer a ponta da flecha, afiamos um osso e o colocamos na flecha. (pág. 67)

(155) **tág'** pronto (pág. 84)

(156) **ũn vég tū** invisível. **Ěg t̄y ũn vég tū v̄y t̄y, ti nī, Topē ti.** Deus é invisível. (pág. 91)

(157) **vēnh rá** livro, documento, papel. **Komēr hā kanhgág vī vēnh rá tóg, vēnh ven mū.** Aos poucos estão aparecendo livros na língua Kaingang. (pág. 97)

3.3.8. A DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

A obra apresenta três problemas relativos à definição lexicográfica dos verbetes:

(i) a definição está errada

(158) **fe kaga** *sub.dep.* doente. **Inh fe v̄y, kaga tī.** Tenho problemas de coração. (pág. 17)
[**fe** *sub.dep.* peito, coração. **kaga** *sub.dep.* doente, doença, dor.]
“problema cardíaco”

(159) **jagtā** *sub.dep.* ao lado, em uma parte. **Inh kāke fag jagtā tá sóg nīnī.** Estou morando numa parte da casa com meu irmão mais velho e sua família. (pág. 27)
“lado, parte, pedaço”

(160) **jēnjēr** *v.i.* com preguiça. **Ūri tóg, is̄y inh rānrāj han tīg to jēnjēr tī, kusa tīg k̄y.** Hoje estou com preguiça de ir ao meu trabalho por causa do frio. (pág. 32)

- “desencorajar”
- (161) **jonh ke** *v.i.* meteoro, estrela cadente. **Kejēn krīg ũ tóg, jonh ke tere tĩ, ěprã.** As vezes uma estrela cai rapidamente. (pág. 33)
 [**joj** *sub.dep.sg.* risco curto. **ke** *v.i.2.* fazer, dizer.]
 “riscar”
- (162) **jym jym he** *v.i.* barulho. **Jym jym he ti tĩ, pŷn ti.** A cobra se movimenta fazendo: jym jym. (pág. 36)
 “rastejar”
- (163) **kanhir** *v.i.sg.* brincando. **Kyrũ ěn tóg, kanhir kóreg nĩ.** Aquele moço faz brincadeiras ruins. (pág. 39)
 “brincar”
- (164) **kaprũn** *v.i.sg.* linha de fogos, muita lenha no fogo. **Kusa kã ěg tóg, pĩ kaprũn mág tĩ.** Na época fria queimamos muita lenha. *v.1:* kaprũ; *v.3:* kaprũg. (pág. 40)
 “queimar” (é um verbo transitivo)
- (165) **mãg** *v.tr.* estar com preguiça. **Inh mãg tóg tĩ, sŷ rãnrãj kufy han kar kŷ.** Estou com preguiça depois de fazer trabalho pesado. (pág. 60)
 “deixar com preguiça, cansar”
- (166) **nag nag he** *v.i.* nervo tremendo. **Ũn sĩ tóg nag nag he mũ, ti tŷ kusa mẽ kŷ.** A criança está tremendo de frio. (pág. 64)
 “tremor”
- (167) **nej** *v.i.* apagar-se, gasto. **Ti ĩn vŷ, nej kãn ja nĩ.** A casa dele queimou toda. (pág. 64)
 “queimar”
- (168) **nĩsēr** *sub.dep.* penis de cavalos. **Kãvãru mog kar kŷ, ti gré tóg nĩsēr tĩ.** Quando o cavalo fica grande, o penis dele fica aparecendo. (pág. 67)
 [**gré** *sub.dep.* penis.]
 “aparente”
- (169) **pri** *sub.* cama de samambaia preta. **Pri kri ěg nũr tĩ, vãnh kã tá.** No mato dormimos sobre samambaia. (pág. 75)
 “samambaia preta”, fam. *Polypodiaceae*

- (170) **sógsym** *v.i.pl.* (cobra) presas entrando na carne para picar, espinhar, pinicar. **Garĩnh vỹ, aronh pacote sógsym ja nĩ.** A galinha picou o pacote de arroz. (pág. 82)
 “picar, bicar”

- (171) **ũnri** *cir.* agora mesmo, nesse instante. **Ũnri pẽ hã tóg vyr.** Ele acabou de sair. (pág. 91)
 [ũri *cir.* agora, hoje. **pẽ** *ind.m.* muito, o verdadeiro.]
 “agora” – ũnri e ũri são alomorfes em variação livre

- (172) **vãnhpra** *v.tr.* cansado de, com preguiça. **Inh vãnhpra tóg tĩ.** Estou com preguiça. (pág. 93)
 “cansar”

(ii) a definição está incompleta

Alguns termos, próprios da cultura espiritual dos Kaingang, são apresentados na obra, mas seus significados originais foram omitidos ou adulterados.

- (173) **jagrẽ** *sub.dep.* espírito. **Topẽ kuprĩg vỹ tỹ, ãg jagrẽ nĩ.** O Espírito de Deus habita em nos. (pág. 27)

Segundo a cosmologia Kaingang os **jagrẽ** são espíritos selvagens de animais e guias dos **kujá**. Seus nomes são mencionados inúmeras vezes em orações durante as curas e outros rituais (SILVA, 2001:120).

- (174) **kujá** *sub.* curador. **Kujá rãhrãj hã vỹ: ãn kaga tỹ há' he, he mũ.** O trabalho do curador é de curar os doentes. (pág. 54)

Os **kujá** são xamãs, i.e., indivíduos com função sacerdotal que realizam práticas rituais de adivinhação, proteção, cura, exorcismo e impreciação através de rezas e do emprego de ervas especiais. Durante estados de transe invocam seu **jagrẽ**, que se manifesta e lhes atribui ensinamentos e poderes mágicos da natureza (SILVA, 2001:117-120).

- (175) **vãkre** *v.i.sg.* fazer dieta. **Ëg kaga kỹ ãg kejën, vãkrég tĩ.** As vezes fazemos dieta quando estamos doente. *v1: vãkré; v3: vãkrég.* (pág. 93)

O **vãkre** é um ritual de purificação e proteção do viúvo ou viúva contra ataques da alma de seu cônjuge. A prática se caracteriza pela reclusão e uma dieta especial (SILVA, 2001:140).

- (176) **nũgme** *sub.* abismo, inferno. **Ker nũgme ki kutẽ sór hẽ!** Tenha cuidado para não cair no abismo! (pág.67)

Segundo Veiga (1994: 150-162), **nūgme** é a aldeia dos mortos, onde vivem os antepassados e há fartura de caça e alimentos.

Torna-se evidente a tentativa de apagamento de traços da religiosidade tradicional pela apropriação e recontextualização dos termos sagrados Kaingang. Observe que em 173 o exemplo dado no verbete está associado à realidade cristã.

(iii) a definição lexicográfica dá-se com termos impróprios ou pouco usados

Como já foi mencionado anteriormente, para que os lexemas sejam bem compreendidos, a redação de seus equivalentes deve adotar um vocabulário básico, corrente e usual. Em alguns verbetes este critério não foi levado em conta. Definições mais adequadas estão indicadas entre aspas.

- (177) **ga han ja** lugar plaino. **Gan han ja vỹ tỹ, kyjer nĩ.**
Um lugar plaino é uma terra plaina. (pág. 19)
“planície”
- (178) **pātu** *sub.* moscardo, butuca. **Pātu vỹ, vānh krēm e tĩgtĩ.** No mato há muita butuca. (pág. 71)
“mutuca”
- (179) **pātugfēr** *sub.* falena, borboleta noturna. **Ker pātugfēr ā jēn ki kutē!** Cuidado para não cair uma falena na sua comida! (pág. 71)
“mariposa”
- (180) **péfyn** *v.tr.sg.* furar. **Ĕg tỹ kuty tá mỹg péfyn kỹ tóg, jũ pē han tũ nĩgtĩ.** Se furamos abelhas de noite, elas não ficam tão furiosas. (pág. 71)
“extrair, coletar” – “Se coletarmos o mel das abelhas durante a noite, elas não ficam tão bravas”
- (181) **rāgrynh** *sub.dep.* fiapo, rípio. **Ĕg vāfy jafā mru hā to ĩg tóg: ti rāgrynh, he tĩ.** As sobras do artesanato nós chamaos de: os fiapos. (pág. 77)
“cascalho”
- (182) **tónh** *v.tr.* estender cabelo, inseto saindo da pele repartida. **Fi gānh tónh fi tóg nĩ nĩ, rēĩr ki.** Ela está repartindo o seu cabelo no sol. (pág. 88)
“repartir”

A falta de perspicácia durante a redação dos verbetes e a recorrência de erros ortográficos e gramaticais revelam que a língua portuguesa foi tratada nesta obra com total negligência.

3.3.9. ALOMORFES DE VARIAÇÃO LIVRE E VARIAÇÃO DIALETAL

Variantes dialetais são remetidas para suas formas-padrão, mas não há indicações do dialeto a que pertencem.

- jāpā** *sub.* foice. **Isỹ ēpỹnh ke jo isóg, jāpā tǎg vǎ huri.** Ja comprei uma foice nova para poder roçar. (pág. 29)
- (183) **jěpě** *veja: jāpǎ.* (pág. 32)

Os alofones de variação livre são remetidos para suas formas canônicas. O tratamento não difere do dado para variação dialetal.

- jo** *ind.cir.* antes, na frente. **Inh jo tǐg** Vá na minha frente (pág. 33)
- jó** *veja: jo.* (pág. 33)
- (184) **ju** *veja: jo.* (pág. 34)

Entretanto, os problemas com remissivas são infundáveis. Em alguns casos, não se sabe à qual homônimo pertence o alofone ou variante dialetal, pois não há qualquer indicação.

- firég** *sub1.* grilo. **Firég kyr vē.** É o canto do grilo.
- firég** *sub2.* micuim. **Firég tóg, ĩn kuprǎ jě kỹ tá kyr tĩ.** O micuim canta nas casas vazias. (pág. 18)
- furég** *veja: firég.* (pág. 19)
- (185) **fyrég** *veja: firég.* (pág. 19)
- he** *intj.* sim, vou fazer, aceito. **Inh mré tǐg nĩ. He, ǎ mré sóg tǐg mũ.** Vai comigo. Sim, aceito.
- he** *v.tr.* dizer (da citação). **Inh mỹ fi tóg: "ǎ tǐg ja mĩ sóg ǎ mré tĩ henh mũ" hé.** Ela me disse: "Eu vou aonde você for." *v1:* hé.
- (186) **hej** *veja: he.* (pág. 24)

Em um caso, há remissivas em cadeia:

- gangan ke** *veja: gǎngǎn ke.* (pág. 20)
- gǎngǎn ke** *v.i.* ranger. **Ag jǎ tỹ ag tóg, gǎngǎn ke mũ.** Estão rangendo os dentes (de raiva). (pág. 20)
- (187) **gyn gyn he** *veja: gangan ke.* (pág. 23)

Num outro, o *verbete* se auto-remete.

- (188) **gá** *veja: gǎ.* (pág. 20)

Há exemplos onde os *verbetes* se retro-remetem, não havendo possibilidade de apurar seu(s) significado(s).

- (189) **ko kamē** veja: *kryrỹ*. (pág. 47)
kryrỹ veja: *ko kamē*. (pág. 53)

Outros remetem para *verbetes* inexistentes:

- gam ke** *v.i.* sair em grupo. **Ĕg rānrāj mū kỹ ĕg tóg, gam ke mū tĩ.** Costumamos ir juntos para o trabalho. (pág. 19)
gangan ke veja: *gāngān ke*. (pág. 20)
(190) **gyngyn** veja: *gangan*. (pág. 23)

- jagkāgmĩ** veja: *jagnē jumĩ*.
jagkugmĩ *jagnē jumĩ*. (pág. 26)
jagnē hā *sub.dep.* igual, parecido, semelhante. **Ūn vēgnĩ ĕn ag tóg tỹ, jagnē hā pē nỹtĩ.** Aqueles gêmeos são muito parecidos.
jagnē kā krỹg he *v.i.* encostar. **Jagnē kā krỹg krỹg he tūg nĩ. Jāvo tóg rán kónān mū.** Não encostem um ao outro. Senão não podem escrever direito. (pág. 26)
(191)

Existem casos, onde a remissiva não corresponde à forma lexicalizada.

- mūn** *v.tr.pl.* mover. **Kỹ tóg, ĕg mūn mū.** Ele fez nos sair de lá.
my *sub.dep.* rabo. **Gato my jētēg ā mū.** Você está apertando o rabo do gato (pág. 63)
(192) **mỹr** veja: *mūra*. (pág. 63)

mas é, de fato:

- mū ra** *conj.* senão. **Ti vēg tū sóg nĩ, mū ra sóg ā mỹ tóh mū vē.** Não o vi, senão teria avisado. (pág. 63)
(193)

3.3.10. OUTROS PROBLEMAS DE COMPILAÇÃO

Há *verbetes* cuja *entrada* não codifica o que se quis indicar pela *definição lexicográfica*.

- ĕg nĩgē prānh tū** *serviço* leve. **Ū vỹ, rānrāj kānhvy ki rānrāj tĩ. Kỹ tóg, ti nĩgē prānh tū nĩgtĩ.** Alguns fazem serviço leve. Por isso não lhe ardem as mãos. (pág. 14)
(194)

[*ẽg* *pr.pes.* nos, nosso, nosso. *nĩgẽ* *sub.dep.* mão. *prãnh* *v.tr.* arder. *tũ* *ind.m.* não.]

[*rãnhrãj* *sub.dep.* trabalho. *kãnhvy* *sub.dep.* leve.]

“não ardem nossas mãos”

No exemplo acima não há sequer indicação de categoria gramatical. O equivalente Kaingang para “serviço leve” é **rãnhrãj kãnhvy**, e não aquilo que a autora legitima. Percebe-se claramente o equívoco na identificação da *entrada* ao confrontá-la com o exemplo citado no *verbete*.

Alguns *verbetes* fornecem exemplos que não contém a *palavra-entrada*.

(195) **fy** *sub.dep.2.* trança. **Ne nẽ? Sãpenh ke vẽ.** Que será que é? E uma trança para fazer um chapéu. (pág. 19)

Outros fornecem exemplo com a acepção errada.

(196) **kusũg** *sub.dep.* vermelho.
— *v.tr.* colorir de vermelho. **Õ fi hã nỹ, kur kusũg jẽ?**
Quem é ela que usa roupa vermelha? (pág. 56)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de dicionarização pode parecer, em princípio, simples. É, porém, da competência dos lexicógrafos – intelectuais altamente qualificados que intermedeiam durante seu trabalho os campos da lingüística, da antropologia, da história, da geografia, etc, em busca de vestígios que reflitam a visão de mundo e o sistema de valores das populações que estudam, para cristalizá-los em sua obra e perpetuá-los como patrimônio cultural.

A obra de Wiesemann, entretanto, está mais para uma tragédia ou comédia lexicográfica, pois sua elaboração não cumpre qualquer critério científico. Além de contribuir com a uniformização ortográfica do léxico Kaingang, não ostenta nenhum outro avanço significativo com relação à obra de Val Floriania, publicada meio século antes. A sua função pedagógica é, segundo informações dos próprios Kaingang, de pouca utilidade, pois aqueles que dominam a língua sabem que “existem muitos erros” (informação obtida em campo).

Qual seria então a utilidade deste dicionário, aprovado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Assessoria Especial de Assuntos Indígenas do Paraná e FUNAI como **material escolar**? A própria autora e missionária afirma que sua obra, inicialmente, servia apenas “como base para alguns **estudiosos** com vontade de aprender a língua” (grifo meu). Tem, entretanto, claramente êxito como adjuvante na tradução de textos bíblicos, um esforço catequético “inteiramente independente” de qualquer reflexão ética. É fato que a introdução da escrita em sociedades de tradição oral por meio de textos sagrados aloteístas é uma atitude aniquiladora. Não quero aqui eximir o SIL nem Wiesemann de sua contribuição à etnolingüística, mas sim de alertar a comunidade científica de seu papel social concernente à questão indígena. Tendo em vista tais fatos, a academia deveria pressionar as autoridades para que não tolerem – em hipótese alguma – que pessoas, instituições e ONGs se utilizem de quaisquer justificativas junto a FUNAI ou aos órgãos educacionais para darem continuidade a 500 anos de colonização e degradação do patrimônio cultural destas minorias.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, P. M. O léxico do Tuparí: proposta de um dicionário bilíngüe. Araraquara: FCL-CA-UNESP. 2004. (Tese de Doutorado).
- ANDRADE, M. M. Organização da macroestrutura: problemas metodológicos. In: CARVALHO N. M. et al (Cord). *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Rio de Janeiro: FL-UFRJ. 1997:61-81.
- BALDUS, H. Vocabulário zoológico Kaingang. *Arquivos do Museu Paranaense*, VI. Curitiba. 1947:149-160.
- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: LIMA A. D. et al (Orgs). *Filologia e Lingüística*. São Paulo: T.A. Queiroz. 1981:131-145.
- BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. *ALFA – Revista de Lingüística. Suplemento*, nº. 28. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1984:27-43.
- BIDERMAN, M. T. C. O dicionário como norma na sociedade. In: CARVALHO N. M. et al (Cord). *Anais do 1º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Rio de Janeiro: FL-UFRJ. 1997:161-180.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS. 1998a:11-20.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Filologia e lingüística portuguesa*, nº. 2. São Paulo: Humanitas Publicações. 1998b:81-118.
- BIDERMAN, M. T. C. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLIO, M. *Palavra*, nº. 5, vol. temático I. Rio de Janeiro: PUC-Rio. 1999:81-97.
- CAVALCANTE, M. P. Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Campinas: IEL-Unicamp. 1987. (Tese de Doutorado).
- FLORIANA, Mansueto Barcatta de Val, Frei Ensaio de Grammatica Kainjgang. *Revista do Museu Paulista*, X. São Paulo. 1918:529-63.
- FLORIANA, Mansueto Barcatta de Val, Frei Dicionários Kainjgang-Português e Português-Kainjgang. *Revista do Museu Paulista*, XII. São Paulo. 1920:1-392.
- GUÉRIOS, R. F. M. Estudos sobre a língua Caingangue. Notas histórico-comparativas: dialeto de Palmas e dialeto de Tibagi - Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*, II. Curitiba. 1942:97-178.
- HAVERROTH, M. Kaingang: um estudo etnobotânico. O uso e a classificação das plantas na área indígena Xapecó. Florianópolis: PPAS-UFSC. 1997 (Dissertação de Mestrado).
- LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. *As ciências do léxico – lexicologia, lexicografia e terminologia*, vol. II. Campo Grande: Editora da UFMS. 2004:19-30.
- RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas, São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- SILVA, S. B. Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. São Paulo: FFLCH-USP. 2001. (Tese de Doutorado).
- VEIGA, J. Os Kaingáng e Xoklém no panorama dos povos Jê. *LIAMES*, vol. 4. Campinas: UNICAMP. 2004:59-70.

- VEIGA, J. Organização Social e Cosmvisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Jê Meridional. Campinas: IFCH-Unicamp. 1994. (Dissertação de Mestrado).
- WEISS, H. E. Para um dicionário da língua Kayabí. São Paulo: FFLCH-USP. 1998. (Tese de Doutorado).
- WIESEMANN, U. Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng. Brasília: SIL/Funai. 1971.
- WIESEMANN, U. Die Phonologische und Grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache. The Hague, Paris: Mouton. 1972.
- WIESEMANN, U. Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng. 2ª Edição. Brasília: SIL/Funai. 1981.
- WIESEMANN, U. et al. Kaingang-Português: Dicionário Bilingüe. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 2002.